

Lucia Eniu
Os Reinos de Papel ou A Viagem de Marc
Lemonde

Prefácio

Sabemos que um livro para crianças - um bom livro, um livro real, não um que serve como manual para educadores e ideólogos - é sobretudo destinado à criança em cada um de nós. Caso contrário, nunca alcançaria o seu objectivo: a genial sensibilidade humana, aquela que se abre ao mundo com a maravilha dos primeiros anos de vida - ou seja, as primeiras idades da humanidade. Sem esta renovação, que é a própria vocação dos livros infantis, a humanidade em nós sucumbiria.

Este livro é uma maravilha em si mesmo. Não só cumpre a sua vocação, uma vez que desperta em nós o leitor infantil, com toda a simplicidade, como o faz numa subtil sincronicidade do autor, do seu personagem, Marc Lemonde, e do leitor. Assim, o escritor, que se revela no início do livro e o fecha no final - enquanto se deixa desafiar de vez em quando ao longo do processo de leitura - cria o seu carácter dentro do seu mundo de escrita, como um alter-ego, a ponto de lhe confiar, a esta criança que ele traz à descoberta dos "reinos do papel", a tarefa de se ilustrar o livro que está a ler, com os seus próprios desenhos...

Isto revela-nos, acima de tudo, o duplo talento do autor: o de escritor e artista gráfico. Mas os desenhos destas crianças também nos levam à intimidade de uma criação fascinante, como leitores de segundo grau - uma vez que o leitor implícito de primeiro grau destas histórias é o próprio personagem, na medida em que ele é simultaneamente o actor e o narrador: é através dos seus olhos que lemos as suas histórias.

Estes "reinos de papel" que Lucia Eniu nos apresenta são lúdicos (*O Reino do Jogador de Xadrez*, *O Reino do Errante*), engraçados (*O Reino da Árvore*, *O Reino do Riso*, *O Reino dos Emoticons*), poéticos (*O Reino das Borboletas*, *O Reino do Olho*), míticos (*O Reino das Lendas*), estéticos (*O Reino dos Espelhos*, *O Reino das Marionetas*), e falsamente moralistas: o meio-termo não é necessariamente a felicidade (*O Reino do Equilíbrio*), a desgraça pode sorrir ("*Desejo-vos boa tristeza e que a desolação esteja convosco!*"), e a utopia humanista é, infelizmente, certamente não para hoje (*O Reino da Tolerância*).
Dana Shishmanian

Criei Marc Lemonde numa noite de Verão, quando a paisagem à volta da minha casa parecia flutuar à luz esbranquiçada de uma lua de papel. Uma lua desenhada por uma criança canhota, distraída e sorridente. Imaginei-o de imediato e os seus grandes olhos negros abriram-me os olhos. Olhos de papel cintilantes. Ofereci-lhe um pequeno pau enfeitiçado e, tomando-o nas minhas mãos trémulas, depusitei-o nos Portões do Reino do Jogador de Xadrez. E dei-lhe uma voz um pouco aguda, mas suave e educada. Uma voz de papel.

O Reino do Jogador de Xadrez

- Senhor! Ei! Senhor! Afaste-se! Um pouco para a direita! Três espaços! Sim! É isso mesmo!

(Ele corre na minha direcção ou salta como uma criancinha mimada, a abanar um cavalo de brincar nos seus braços, quase tão grande como ele).

- Aqui! (ele suspira, pondo-o no

terra, no número da caixa branca...)

- E agora, caro senhor, para a esquerda, por favor. Ah, como é simpático! Caiu da lua? Ainda não reparei em si entre os meus jogadores (diz ele, mostrando-me com muito orgulho os seus reis, rainhas e peões nos seus quadrados a preto e branco).

- Digamos que fiz uma escala no vosso Reino. O meu nome é Marc Lemonde. Sou um Viajante.

- Um Viajante? Prazer em conhecê-lo, senhor. I

sou o Jogador de Xadrez.

- Isto é... um trabalho?

- Sou... eu. Eu sou o que sou. É tudo o que eu sei. E eu jogo.

- Noite e dia?

- Noite e dia?! Que pergunta estranha!

O que é a noite? O que é o dia?

(Gostaria de ter respondido, para dizer, pelo menos, "que ignorância!", mas o Jogador pegou-me pela mão e arrastou-me para outra praça, negra desta vez).

- Vamos descansar por um momento. Sua Majestade a Rainha chegará e eu devo prestar a minha homenagem.

- Mas... é Vossa Majestade que a levará para a sua cabana!

- Claro que o faremos! É esse o jogo! Isso é a vida!

(disse ele, tirando um pequeno espelho do seu bolso). Tenho bom aspecto, não tenho? Sem dúvida que Sua Majestade a Rainha vai admirar a minha aparência, a minha roupa! (suspirou ele, mantendo a sua pose).

- Dê-me o prazer de participar na cerimónia! (disse ele, voltando-se para mim, os seus olhos brilhando).
- Adoraria participar, mas infelizmente...
- Quer perder a cerimónia real? Que pena! A aventura está aqui, à nossa frente! A Rainha pode ser raptada! Ela pode precisar da nossa ajuda! Que pena! Mas... já que nos vai deixar, permita-me, caro Sr. Viajante, fazer-lhe uma pequena doação.
- (E como ele disse isto, tirou uma pequena nota do seu bolso e, enfiando-a na minha mão, tirou a sua licença, gritando):
- Deixo-vos a sós! Os oboés anunciarão

a chegada da Rainha. Bon voyage, Senhor!

(E ele deixou-me no meio de uma imensidão de quadrados solitários preto-e-branco. Ao longe, alguns peões estavam entediados até à morte).

Quanto a mim, antes de deixar este mundo brinçalhão, abri o bilhete:

"Toco, espero, por isso existo. Porque o importante é ir, caminhar, mesmo que nem sempre se chegue onde se quer. O importante é brincar.

O Reino do Vagabundo

(Luzes, pequenas sombras, cores, silêncio perfeito, um cenário quase banal).

- Bom dia, senhor. (Estou a tentar ser educado, porque até onde posso ver ele é o único habitante deste pequeno reino verde).
- Olá! (ele responde, as suas mãozinhas estranhamente brancas descansando sobre um pau azul. Ele fuma um cachimbo vermelho bonito e exclama com uma gargalhada) :
- Que pessoa estranha!

(Olho à minha volta. Ninguém... Ele retoma as suas gargalhadas).

- Oh, como é engraçado com a sua roupa estranha e o seu aspecto bem-disposto!
- O meu nome é Marc Lemonde.
- O Vagabond ao seu serviço! (ele responde com uma voz risonha, tirando o chapéu. E lá está ele, a oferecer-me uma ampla reverência, ao estilo Luís XIV).
- Prazer em conhecê-lo, Sr. Vagabond. Vive sozinho? (Ele começa a rir de novo. É verdade, um feliz vagabundo).
- Sozinho? E o meu chapéu? O que é que tem? E o meu pau? E o meu ar vadio? Não tenho bom aspecto?

(E aqui está ele, a posar com uma mão na anca e a olhar para baixo para ele. Ele é também um vagabundo muito orgulhoso).

- E o que faz na vida quotidiana, com o seu chapéu, o seu pau e o seu ar de pão de forma?

- Ah! estou a sufocar! Ajudem-me! Ajude-me ! Que estou eu a fazer? Que estou eu a fazer ? Mas eu estou a SORRERWHELMING! É um trabalho muito nobre! Passeio o dia inteiro, rio muito, como na rua, durmo na rua, danço na rua, vivo na rua, como todos os vagabundos.

- E... está feliz?

- Está a brincar? Se estou feliz... Mas porque ficaria triste? Isto é tudo o que eu quero fazer na vida. É tudo o que eu gosto de fazer. Eu trabalho, sabes? À minha própria maneira. E também eu tenho um significado neste mundo. Intriga-me, entristece-me e animo. Acha que isso não é muito? Acha? Diz-me!

(E, como a minha resposta permaneceu teimosamente na minha boca, ele pegou no seu chapéu e no seu pau e, enquanto me oferecia outra reverência, desta vez mais ampla, mais majestosa, acrescentou ele, cheia de importância):

- As minhas desculpas, meu caro Marc Lemonde. Tenho de partir o mais depressa possível. Dentro de algumas horas, no outro extremo do meu reino (quão longe está! são três ou quatro metros no total!) haverá a Conferência dos Pequenos Viajantes Solitários da qual sou o Presidente (outra grande reverência!) e tenho de preparar o meu discurso sobre "A Mente Peregrina - Princípios e Características".

(E como ele diz isto, oferece-me - oh, Deus da delicadeza! - outra vénia de magnificência real e deixa-me a assobiar e a saltar, um pequeno vagabundo engraçado num pequeno mundo solitário, e eu quero gritar, chorar e rir ao mesmo tempo. Como é bom poder ser auto-suficiente, ser feliz na solidão, imaginar um sentido na vida!)

O Reino Borboleta

A pequena lua de papel tinha sido adornada com um véu de seda preto quando Mark estava prestes a cruzar o limiar de uma nova terra. Também as estrelas, cansadas de rebentar sem descanso, tinham feito uma pequena pausa atrás de uma cortina de nuvens.

No início Marc sentiu uma terrível corrente de ar. Sentiu-se como se estivesse num redemoinho. Um som pequeno e solitário esfregou-lhe os ouvidos: um bater de asas frágil e tímido. Depois outro. E outro. E à medida que avançava para a escuridão, as batidas das asas multiplicavam-se, os sons tornavam-se mais refinados, mais refinados, e de repente nascia música: música estranha, sideral, calmante.

Com o nariz no ar, respirando um odor cuja fonte não conseguia adivinhar, Marc sentiu-se de repente a ser derrubado na relva alta. Uma dor aguda paralisou o seu pequeno corpo. Ele desmaiou.

Quando chegou, o sol estava a cumprimentá-lo com um piscar de olhos amigável. O seu corpo era pesado e mal se conseguia levantar. Um silêncio perfeito reinava sobre este novo mundo desconhecido. Mark abriu-lhe os olhos. À sua frente, uma estátua majestosa estava branca, fria, imensa, deslumbrante na luz brilhante da manhã. Era uma borboleta de mármore cujas asas, salpicadas de pequenas borboletas em relevo, pareciam flutuar no ar suave. Um grito agudo escapou do pequeno corpo de papel. A paisagem tirou-lhe o fôlego. Uma doçura inigualável espalhou-se pelo ar. Flores. Muitas flores. Um mundo florido, onde cores suaves e refinadas se misturavam com os toques mais ousados. Um azul requintado no coração das flores de milho espalhadas antes do rosa arenoso de um bouquet de peónias. As papoilas gigantes competiam com crisântemos brancos, cujas pétalas pareciam um nó de cobras dançantes. Rosas com pequenas flores amarelas douradas agarradas às rochas salpicadas de petúnias, cujo veludo preto parecia irreal. As gotas de neve inclinavam-se indiscretamente para os delicados esquecimentos e os lilases espalhavam o seu perfume enfeitiçante pelo vale. Um pouco mais adiante, havia uma colina vestida de violetas, e à sua frente, outra salpicada de margaridas.

Marc inclinou-se para um azevinho, para inalar o seu cheiro. De repente, uma explosão de cores seguida de uma torrente de pétalas conseguiu destruir o silêncio deste pequeno canto Edênico. Borboletas de todos os tipos. De todas as cores. Exércitos de borboletas. Borboletas anãs dançavam no ar entre as borboletas gigantes. Um mundo de borboletas. E no meio delas, frágeis e assustadas, Marc, com o seu coração de papel a bater muito depressa.

"O Reino das Borboletas", sussurrava ele espantado.

Naquele momento, a terra à sua volta começou a mover-se. Os jardins e as colinas tornaram-se como um mar tempestuoso. Ondas floridas flutuavam no ar *borboleta* e pareceu-lhe que um gigante tinha tomado este reino nas suas mãos, sacudindo-o como um tapete. Ou que monstros ferozes nadavam sob esta terra florida. A sinfonia das asas em abano também soava como uma canção maligna.

- Senhor!" gritou Mark, cambaleando para a relva alta. Ele estava a agir de forma estranha com os braços no ar. Ei, Senhor!" continuou ele. Ajude-me!

- É o efeito borboleta", consegui articular, tremendo com gargalhadas. Para o meu homem de papel, parecia engraçado.

- O efeito quê?!", disse ele, também abalado pela terra trémula.

- O efeito borboleta", disse eu. Quando se tentou acariciar a flor, as borboletas adormecidas começaram a bater as asas nervosamente e foi o seu movimento incontrollável que provocou o tremor e tudo o resto.

- E quanto a mim? O que faço agora" disse Mark com uma voz tão aguçada que as minhas gargalhadas recomeçaram.

E antes que eu pudesse dizer alguma coisa, o meu homenzinho foi apanhado num turbilhão de asas que o levou pelo ar. Um grito agudo escapou do monstro alado.

Deitado na relva alta à entrada do Reino Borboleta, Mark suspirou como uma criança mimada. Um pouco mais adiante, no jardim perfeito, o silêncio tinha caído sobre as flores. Algumas borboletas, silenciosas e indiferentes, brincavam às escondidas. E no meio deste paraíso florido, a estátua de mármore sorriu enigmaticamente.

O Reino das Árvores

Ele era alto, com cabelo verde e olhos brilhantes. No entanto, achei-o muito sombrio e de mau humor. Foi porque ele tinha perdido algumas folhas rebeldes no dia anterior, disse-me mais tarde. E agora, sentado em frente da pilha verde trémula, falava-lhes como um mestre profeta:

"Nossa Majestade, a Grande Árvore, informa-o que, como resultado da sua acção incontrollável, perdeu os seus direitos *folhosos*. Nunca mais conhecereis os esplendores das alturas, excepto aqueles que são temporários, se o Sr. Vento vos der a honra de vos carregar, por alguns momentos, nas suas asas. Malvado! Mal-agradecido! Perdeu o direito de ganhar o seu absinto diário. O seu destino a partir de agora? Oh, os pobres! Nada mais do que vadiagem, seca, podridão, esquecimento! Nada mais!"

E ao dizer isto, fechou os olhos e com um barulho ensurdecador levantou-se em todo o seu esplendor imperial. Oh, que altura ele tinha! Oh, o lindo verde brilhante do seu cabelo peludo!

- Bom dia, Vossa Majestade" sussurrei,

movido. Pois, perante tal majestade...

- Olá, minha pequena contagem", respondeu ele rapidamente, com o seu ar majestoso.

- Contar?" exclamei, deslumbrado. Eu não sou um conde. O meu nome é Marc Lemonde.

- Contar é o título que dou (que generoso! pensei) a todos aqueles que passam pelo meu império verde e vêm cumprimentar-me. Mas", acrescentou ele, "certamente, certamente que pareces um verdadeiro conde. Conde Marc Lemonde". E, meu Deus, isso soa bem!

Fixei-lhe o meu olhar mais intenso e fechei os olhos, por alguns momentos, para inscrever a sua imagem, tão fiel quanto possível, e para poder, um dia, transpô-la para o álbum das minhas viagens.

- Hopscotch? Esconder e procurar? Valetes de salto?

- O quê?! Quer dizer... desculpe?
- Eu estava a perguntar... se... bem... se você... jogaria... comigo...?
- A brincar?! Gosta de... brincar? Mas vós... Vossa Majestade... tão sério... tão...
- Eu adoro! Eu adoro o jogo! E a sua casca estava adornada com um lindo sorriso de árvore. Como ele era engraçado! Um gigante com o coração de uma criança! Uma criança escondida numa enorme corrente de verde!
- Vamos brincar, meu caro Conde! Joguemos "para a felicidade de estarmos juntos"!

O Reino das Lendas

"Era uma vez, num passado imemorial, um homenzinho muito educado e sorridente que segurava sempre na mão um pequeno pau enfeitado e que gostava de viajar. Ele tinha olhos negros..."

- Como eu", disse a nossa Marca, bastante surpreendido por ver um livro a nascer diante dos seus olhos.

Ele fechou-a, colocou-a a seus pés e olhou maravilhado para a paisagem à sua frente. Sentiu-se muito pequeno, uma formiga, um pequeno ponto no imenso campo que se espalhava aos seus pés. Um campo de livros. Livros de todos os tipos, espalhados à sua volta, livros de bebé, mal escritos, livros em vias de nascer (Marc estava a descobrir, deslumbrado, como as páginas se enchiam de palavras e imagens), livros antigos com capas desbotadas, folhas amareladas, cujas rugas estavam entrelaçadas entre as linhas. Sentado entre eles, Marc descobriu que, de todos estes milhares de palavras, saíam palavras que se erguiam ao vento, falando, gritando, sussurrando, de acordo com a propriedade. Contaram à sua própria maneira. As suas vozes misturavam-se no ar antiquado. Um sol sorria por cima do campo do livro. Um belo sol de papel.

Envolvido numa nuvem de pó dourado, o cavaleiro parou abruptamente, puxando a cabeça do seu pequeno cavalo restivo em direcção ao estribo. Tirou o seu grande gorro azul. Marc viu a cara sorridente de uma rapariga com cabelo preto frisado. A pele dela era também tão negra como o ébano. Ela estendeu-lhe uma mão delicada.

- Mira", disse ela, de forma simples.

- Marc", suspirou ele, em voz tímida. Como ela era bela!

- Acho que estás apenas de passagem", disse ela. Deixe-me adivinhar: você é o novo secretário de Sua Majestade, o Escritor Supremo, não é? Não estávamos à sua espera hoje.

- Oh, não... eu... não sou... uma secretária", gaguejou ele, confuso. Estou apenas de passagem. Por outras palavras, sou apenas um viajante", disse ele com rouquidão.

- Um viajante! Ah, que bom! Não o esperava. Isso é um trabalho? O que é que se faz exactamente?

- Eu viajo, admiro, observo... É tudo.
- Meu Deus! Mas deve ser muito interessante! Viajando, admirando, observando! Eu nunca viajei. Nunca deixei o Reino.
- Que Reino?
- Este aqui. O Reino do Livro. Ou, se quiser, o Reino dos contos e lendas.

- E... Sua Majestade...

- ...O Escritor Supremo. Ele é o meu pai. Ele está sempre ocupado. Muito ocupado, infelizmente", suspirou ela. Ele escreve sem parar, de manhã à noite. Raramente o vejo.

- Então, está...

- Princesa Mira. Sim", disse ela com uma voz monótona. Uma princesa. É isso mesmo. Isso não significa que eu goste de usar vestidos de rendas bonitos e reverências e ir a todo o tipo de festas aborrecidas. Esse é o trabalho da minha mãe. Rainha Libra. Ela é muito boa nisso, a propósito. Quanto a mim, gosto de liberdade. Movimento. As mudanças. Esta manhã, ofereci-me simplesmente para dar lembranças. Por isso, peguei numa caixa, coloquei-lhe algumas legendas e... aqui estou eu! Gostavas de algumas?

- Obrigado," Mark gaguejou, ruborizado. Entrou na arca pequena, tirou um livro e começou a folheá-lo.

- Oh, as belas imagens" exclamou ele, levantando a sua pequena cabeça de papel.

Mas Mira tinha desaparecido. À distância, algures na vasta extensão dos livros, Mark ouviu o eco da sua pequena e feliz voz:

"Lendas a recordar! Lendas como memórias!"

Mark sentou-se num grande livro de pedra e começou a ler.

A Lenda das Estações

"Gosto da Primavera vestida de rosa,

Gosto do Verão ensolarado,

Para mim, é um Outono um pouco sombrio.

E quanto a si? Inverno todo nevado".

Era uma vez, há muito tempo, quando o tempo corria sem medida, havia algures nesta terra um homem muito rico, cujo nome era An e que tinha quatro raparigas. A sua esposa tinha morrido há muito tempo e ele cuidou da sua educação sozinho.

Embora fossem irmãs, as raparigas odiavam-se umas às outras. Mas, ao mesmo tempo, cada uma amava muito o seu pai e queria ser a sua favorita. O velho An, que, como bom pai, amava todas as quatro, era um homem bom e sábio que sonhava com uma vida tranquila. Ele teria gostado que eles se amassem e fizessem as pazes. Mas foi em vão. A sua discórdia nunca cessou. O Verão, que amava o grande sol e o chuveiro, o verde e os campos férteis, odiava o Outono, uma rapariga com cabelos cor de ferrugem, um pouco morosa e briguenta, que preferia chuva com grandes nuvens negras e mau tempo, a doçura dos frutos e a folha desbotada. O Inverno, que adorava a neve e as tempestades de neve, a geada e o granizo, não gostava da sua irmã, a bela Primavera, uma rapariga alta, flexível e alegre que adorava erva mal cultivada, flores espigadas, sol pálido e chuva.

O velho tentou sempre oferecer-lhes reconciliação, dizendo-lhes que todos os seus prazeres eram úteis e bem-vindos, cada um no seu tempo, mas que não haveria nada mais triste do que um grande sol eterno ou uma chuva torrencial incessante, ou uma eterna tempestade de neve ou uma geada sem fim. Mas as raparigas pareciam surdas a estas palavras. A sua discussão continuou desta forma, até que um belo dia, cansadas de todas as suas más palavras e queixas, o velhote as condenou assim:

"Que nunca mais fiquem juntos! Que se sigam uns aos outros num círculo eterno e se encontrem apenas por um momento, um expulsando o outro, e assim por diante, e assim por diante, ad infinitum! E que eu próprio, eterno, vos recorde esta maldição uma e outra vez!

E o velho desistiu da sua alma, resmungando terrivelmente. As suas filhas começaram a ter pena dele, mas quando estavam prestes a lavá-lo, ele veio a ele. Ele parecia mais jovem, o seu rosto firme, com um brilho estranho nos olhos e cheio de novas forças.

Diante dos olhos estupefactos das suas filhas, disse ele com uma voz retumbante:

"A maldição foi cumprida! Eu morrerei e renascerei, desde a juventude até à velhice. E vós, filhas desprezíveis, vós que não soubestes ouvir a voz de um pai que vos amou, submetei-vos! Primavera, ficai! Começarei por vós, porque sois renascimento, esperança, florescimento, juventude e optimismo. Terás de lutar um pouco com a tua irmã Winter, que não cederá muito facilmente, apesar de todos os meus esforços de convicção.

Vocês, os outros, desaparecem! Reaparecerão mais tarde, cada um no seu próprio tempo. E lembrem-se disto: cada um de vós é útil para a natureza, para a Terra e para os seus habitantes. E embora nunca consigam amar-vos uns aos outros, as pessoas irão amar-vos a todos. Que o círculo que está prestes a começar a girar nunca pare!

E o círculo começou a girar. E o Verão seguiu a Primavera, o Outono seguiu o Verão, o Inverno seguiu o Outono, a Primavera seguiu o Inverno.

- Como é bela esta lenda!

Marc, cheio de alegria.

E, ao dizer isto, começou a ler a segunda lenda:

A lenda do girassol

*"Vira, vira, Girassol! O sol,
Que maravilha! Os seus raios,
Que belos presentes!
Estou a voar para longe... Que engraçado!*

Vira-te, Girassol"!

Era uma vez uma jovem rapariga chamada Fleur. Os seus pais deram-lhe este nome porque, desde os seus primeiros dias, ela encantou toda a gente com a sua beleza inigualável. Com o passar do tempo, ela tornou-se cada vez mais bela. Ninguém podia ficar indiferente à sua aparência. Era bela, mas ao mesmo tempo era sábia, graciosa, cheia de alegria, sociável e inteligente. Muitas vezes, ao atravessarem o país, os transeuntes paravam à sua porta, tentando vislumbrá-la e ouvi-la. Pois Fleur tinha uma voz doce e cristalina e cantava como uma deusa. Numa palavra, ela era maravilhosa. Mas - porque há sempre um "mas" que perturba a vida calma e alegre dos humanos - um acontecimento e as suas consequências transformaram a felicidade desta família em infortúnio. Numa bela noite, Fleur sonhou que um jovem vestido com um manto ardente se tinha aproximado dela e sussurrou suavemente:

"Serás minha para sempre, minha linda Flor". Depois, antes de desaparecer, beijou-lhe a testa.

Desde então, Fleur tinha mudado, tinha-se tornado triste e melancólica. Passou os seus dias sozinha, escondida dos olhos de estranhos, por vezes olhando para alguém da sua janela: parecia-lhe que longe, longe, no alto, um jovem lhe acenava. E ela sentiu uma queimadura na testa.

Entretanto, os casamenteiros começaram a desfilar em frente da casa de Fleur. Havia jovens de todo o lado que a queriam conhecer, para falar com ela. Mas Fleur só conseguia ver o Sol. Sim, o jovem no seu sonho era o Sol, disse ela sonhando, e a sua mãe chorou de luto. Teria Fleur enlouquecido? A rapariga, a sua outrora doce filha, estava agora completamente sozinha, suspirando incessantemente. Ela chorava sem motivo, os seus olhos estavam cada vez mais sombrios, e a melancolia estava gradualmente a assumir o controlo. Em vão, as velhas mulheres fizeram-lhe encantamentos. Nada aliviava o seu sofrimento. Ninguém sabia mais nada sobre o seu segundo sonho. Nunca ninguém soube se o estranho jovem tinha aparecido novamente. Uma manhã, quando entrou no quarto de Fleur, a sua mãe parou morta no seu rasto: Fleur estava deitada na cama, parecendo ter querido beijar alguém. Ela estava morta.

O sofrimento dos pais não conhecia limites. O povo teve grande dificuldade em convencê-los a abandonar o cemitério. Foram lá dia e noite e choraram e imploraram ao céu. Mas o céu permaneceu em silêncio, como sempre.

Uma manhã, descobriram uma pequena planta sobre a sepultura que mal tinha crescido. Tinha crescido de forma aleatória. Algumas semanas mais tarde, floresceu. Uma pequena flor amarela. Um dia, encontraram-na aberta. Grande e amarela, como o cabelo de Fleur, e tão bonita! Todos ficaram espantados quando viram que, quando o sol saiu, a flor virou a sua grande cabeça loira na sua direcção. Quando o sol desapareceu, ela virou-se e virou-se sem descanso. Ao anoitecer, baixou a sua cabeça, triste. As pessoas diziam que a flor era um sinal de que Deus, tocado pelo sofrimento de ambos os pais, estava a

enviar-lhes uma flor que lhes fazia lembrar a flor de Fleur. E porque amava tanto o sol, porque sempre lhe virava a cara, foi-lhe dado o nome de Girassol. Em direcção ao Outono, o girassol deu frutos: centenas de sementes apareceram na sua "barriga", sementes comestíveis das quais foi extraído um bom e muito fino óleo. Depois as pessoas pensaram no desejo da Fleur de ser útil. Estas sementes eram o fruto da sua bondade e amor pelos seus semelhantes. Desde então, o girassol tem sido amado e apreciado onde quer que o clima tenha permitido o seu crescimento. E a sua lenda desceu até nós ao longo dos séculos.

Suspirando, com um olhar triste no rosto, Mark preparou-se para ler a terceira lenda. Era...

A lenda dos sonhos

Sonha... que felicidade! Saúdo o vosso regresso com os milhares de vozes das minhas milhares de existências nocturnas!

No início do mundo, as pessoas dormiam profundamente, sem sonhar. Porque é que o faziam? Porque, muito simplesmente, os sonhos ainda não existiam. O sono era um homem gordo, muito velho, monótono, caprichoso, sem imaginação.

Algures na terra, naqueles dias distantes, havia uma bela, majestosa e misteriosa montanha alta, cujo brilho azulado surpreendia os humanos. Não, não era uma miragem. A montanha era azul claro, mas aqui e ali havia pontos mais escuros. Ninguém sabia, mas os velhos diziam que a montanha estava coberta de grandes flores que pareciam chávenas pintadas em vários tons de azul. Dizia-se que tinham um aroma muito forte e intoxicante. Ninguém se tinha atrevido a aproximar-se demasiado delas, apenas a olhar ou a colher uma. Foi transmitido de pai para filho, o medo e a previsão de que quem se atrevesse a tocar ou pisar sequer uma flor encontraria um fim terrível e que, para todos os outros, um terrível infortúnio lhes aconteceria.

Que tipo de infortúnio? Ninguém falou sobre isso. O medo manteve-os a todos afastados da montanha. Medo e também um sentimento de reverência por este deus que, perante os seus olhos mortais, apareceu sob a forma de uma montanha salpicada de flores azuis irreais.

Mas uma noite - não se podia dizer quando ou como - um pastor de um país distante parou brevemente no sopé da montanha. Ele viu as flores e ficou extasiado. Sem conhecer o seu mistério, não tinha medo delas e aproximava-se cada vez mais. O brilhantismo das flores rivalizava com o esplendor das estrelas. Pois elas brilhavam magicamente na noite. Pareciam ser taças cheias de luz azul e o pastor não conseguiu resistir à tentação de escolher uma. Depois houve um rugido terrível que parecia vir das profundezas da terra e, muito alto, mais alto e mais alto, invadiu o céu e tudo começou a girar e, neste

redemoinho louco, o pastor caiu como se tivesse sido atingido por um relâmpago.

Em frente às suas portas, os homens assustados podiam ver a montanha a começar a balançar e de repente uma explosão muito, muito estrondosa deslumbrava-os...

Ao amanhecer, um abismo extremamente profundo tinha substituído a montanha e das suas entranhas surgiram chamas azuis. À noite transformaram-se em aves - grandes aves azuis - e as pessoas foram levadas nas suas asas para terras desconhecidas. Não sabemos porque se chamavam sonhos. Eles ajudam-nos, à noite, a fugir do mundo real e a entrar em lugares secretos, onde qualquer um pode tornar-se rei ou escravo, deus ou mendigo. Todas as noites, graças a eles, conhecemos novos mundos, novas experiências e poderíamos dizer, porque não, que os sonhos nos oferecem novas existências, desconhecidas durante o dia, mas tão reais, uma vez que a noite chega.

Fecha os olhos, meu pequeno, fecha-os lentamente... O pássaro azul virá...

- Oh", suspirou Mark. Eu também quero dormir um pouco. Sinto-me muito cansado. Será que o pássaro azul virá?

O Reino dos Olhos

Um olho. Foi tudo o que eu vi, Sr. Escritor. Foi tudo o que eu vi, Sr. Escritor. Um olho imenso, feito de milhares de olhos minúsculos. No início, sentimo-nos desconfortáveis em toda esta indústria de olhares. Todos aqueles olhos pretos, violetas, verdes, vermelhos, cinzentos e azuis que estavam constantemente a observar-me, era demasiado.

- Congelado? Congelado? perguntei ao meu homenzinho do papel.

- Não, pelo contrário, ele respondeu. Intermitente, cheio de calor, mais humano do que humano mesmo. E a sorrir. E cantores.

- Cantores ?

- Sim. À minha volta havia uma estranha sinfonia, mas tão reconfortante! Era a música dos olhos.

- Mas... os olhos... são para procurar,

para ver.

- Está a falar dos seus próprios olhos, que usa para espiar, para descobrir. Eles só lhe permitem ver um universo limitado, infelizmente. Um universo limitado, quadrado e ordenado. Banal. Enquanto que esses outros olhos... Não sei como vos explicar, mas eles penetraram-me, invadiram-me, acariciaram a minha alma. E aquela música celestial que espalhou tal felicidade...

Consegui mesmo comunicar com eles, de certa forma. A música deles estava a inundar-me, transmitindo a sua amizade. Uma corrente de amizade que fluía através das minhas veias. Eles sussurraram ao meu ouvido: "Bem-vindo,

bem-vindo! Se gostam do nosso Reino, se gostam de nós, sejam bem-vindos! Fiquem aqui! Mas, se quiserem partir, que a nossa casa seja para vós um oásis de paz e descanso. Esta é uma tradução o mais exacta possível da sua música. Quando finalmente decidi partir, eles começaram a chorar como crianças perdidas e eu quase nadei num rio de lágrimas. Estavam com falta de visitantes, coitadinhos!

O meu maior prazer foi ter podido carregar a sua estranha e sedutora música num pequeno olho que, à hora da partida, deslizou suavemente para a minha mão.

Deixei o Reino dos Olhos de que tanto me arrependi E um dia prometi regressar

O Reino do riso

- Ha, ha, ha! Olá, olá, olá! Ho, ho, ho! I... ha, ha! Eu estava... olá, hiii... estava sozinho num pequeno vale e... hii... olá, olá... apanhei uma pequena flor... ali estava... ho, hooo... e o cheiro dela... olá, hiii... à minha volta... ha, haa, ha, ha... estávamos a rir... olá, olá, hiii... estávamos a rir, o quê! Ha, ha, ha! Olá, olá, hiii....

E Marc Lemonde continuou a rir e a rir, os seus olhos cheios de lágrimas. Eu sabia então, sem dúvida, que ele tinha visitado o Reino do Riso. E nos seus grandes olhos negros vi o Riso: milhares de bocas sorridentes. Mas o que não posso transmitir-vos por escrito é o seu som, a música daqueles milhares de risos matizados e o desejo que eles davam de rir sem fim.

E eu... ha, ha... olá, ha... comecei a rir também... olá, olá... em todos os tons... ha, ha, ha... em todos os tons possíveis... olá, hiii... e impossíveis e ho, ho, ho... no final... ha, ha... quando quase morri de riso - como essa expressão é verdadeira! - Senti-me tão apaziguado, tão esvaziado de toda a tristeza, de toda a amargura, de todo o mal! O universo inteiro parecia uma máquina de rir gigantesca. Tinha-se a impressão de que todo o mal do mundo tinha sido expulso. Um ar de inexplicável felicidade reinava por todo o lado no ar. O céu de papel também se ria com todos os seus dentes.

- Ha, ha, ha! A vida é boa", gritou Marc, "nem que seja por aquele grande riso que nos faz tão bem! Olá, olá... Que engraçado eu sou, com esta boa gargalhada que me inunda! Esta é a primeira vez que me sinto tão relaxado, tão sereno, tão calmo, tão feliz! Quem me dera que houvesse, não só neste mundo do papel, mas em todos os mundos possíveis, sessões de riso, aulas de riso, terapias de riso, tratados de riso, que o riso fosse obrigatório nas escolas, que houvesse também uma Igreja do Riso, uma Lei do Riso e que aqueles que são maus, maçadores, mal-humorados, egoístas ou distantes fossem castigados! Hiii.... hiii....

- Mas... olá, olá... você... ha, ha... você está a chorar... ho, ho... ha... ha... você está a chorar... bem... olá, olá, hiii...

- I... olá... I... ho... eu choro de riso... ha,

ha... olá, hiiii...

Acima de nós, as estrelas também se riram em milhares de tons. E na duna adormecida do Reino do Riso, nevou com as suas lágrimas de riso. A sinfonia da choradeira invadiu a noite.

O Reino dos Espelhos

- Milhares de espelhos?

- Milhares? Talvez. Mas o importante é que tudo era tão bonito, tão impressionante, que eu quase fiquei lá para sempre. Havia espelhos no chão, um tapete cintilante.

- Um lago de espelhos?

- Ah, não, isso teria sido demasiado banal. Pois o que lhe deu a sua fascinante e requintada aparência foi um labirinto de espelhos voando suavemente, girando, valsando no ar gelado. Como vos posso descrever o meu espanto, tudo o que senti ao olhar para mim próprio, descobrindo e devorando-me em todas as minhas facetas, sentindo que em mim havia milhares de Marcos, um mais complexo do que o outro? Perdi-me e encontrei-me várias vezes. Durante alguns momentos, fiquei prisioneiro da minha imagem, mas longe de me tornar um ser narcisista, morrendo de paixão por si próprio, consegui partir a minha alma em pedaços, para poder oferecê-la a todos aqueles que um dia precisarão de um pouco de humanidade. E Marc emergiu do labirinto com um sentimento de triunfo e de paz.

"Cada um de nós tem o seu próprio labirinto cintilante, enganador e agonizante", proclamou ele, como um velho sábio desde o início do mundo.

Eu sorri. O meu personagem de papel tinha conseguido fugir dos meus pensamentos. Ele tinha os seus próprios pensamentos, as suas próprias perguntas e dúvidas. E a sua sabedoria.

O Reino da Desolação

- Olá, Sr. Escritor! Acorde! Sou eu, Marc. Consegues ver-me, não consegues? Imagino-o a saltar dentro de uma grande bola onde neva infinitamente. Apesar dos flocos de neve, a paisagem está congelada, cinzenta, adormecida. Numa palavra, desolada. Dis - so-lant. E, acima de tudo, há o pobre Marc, a saltar como um louco, a agitar os braços.

- Ei! Sr. Escritor! Olhem para mim! Podem estar a perguntar-se como cheguei aqui. Não lhe pude dizer. Mas o ar está desolado. A paisagem também é singularmente triste. E apetece-me chorar. - Mas é claro que quer chorar. Porque,

pelo que vejo, caíste no Reino da Desolação", grita uma voz rouca atrás dele. Mark vira-se e vê um velhote curto com roupas demasiado grandes para o seu corpo pequeno e com uma barba que chega até aos joelhos. Tem um olhar arrependido no rosto, cabelo desgrenhado e sapatos descaídos... adivinhou-o, desculpe.

- Eric Desolant à vossa disposição", disse ele, com a sua voz rouca, estendendo uma mão triste em direcção a Mark. Os meus amigos chamam-me simplesmente Deso.

- Oh, sim, é um bom nome para si; vai bem com a sua tristeza.

- O homenzinho responde com uma voz cada vez mais triste (parece que se regozija por estar triste, que a sua felicidade rima com tristeza). E uma bela lágrima escapa do seu olho direito.

- Está muito triste, Sr. Deso", continuou Marc. Posso perguntar-lhe o que lhe aconteceu? Foi um infortúnio? Foi um acidente? A morte de um ente querido?

- Não, não, está tudo bem. Está tudo bem. Gostamos de infortúnio. Faz-nos chorar e é tão bom chorar!

- Mas nunca sorri? Um pouco de riso? Uma pequena brincadeira? Nunca?

- A rir, a sorrir? O que significa isso? O que é uma piada?

Marc parece angustiado. Apetece-lhe chorar, o que não lhe escapa Deso.

- Bem, aí está", disse ele, mais triste do que nunca, batendo palmas. Aí estás tu.

- Como?" exclama Marc.

- Mas a sua tristeza. Vai muito bem com as linhas do seu rosto. É uma tristeza de boa qualidade. Os meus amigos iriam apreciá-la, sem dúvida. Poderia, se isso lhe agradasse, vir viver connosco. Há sempre um lar lamentável para os recém-chegados.

- Muito obrigado, Sr. Déso, mas tenho de ir. Eu sou um viajante, por isso viajo. É o meu trabalho.

- Oh bem! Que pena!

- Mas... os outros habitantes?

- Ah, os outros! Todos eles estão, com Sua Majestade a Nossa Tristeza, na igreja. Está na hora da oração. O nosso deus, Benedick Desolator, oferece-nos a sua bênção. Vamos chorar, gritar, partir as nossas roupas, puxar os nossos cabelos. Será um dia muito, muito bom.

- E exprime-o desta forma...

- A nossa gratidão ao nosso Senhor da Desolação, aquele que abençoa as nossas lágrimas e tristezas. Foi ele que nos deu o dom desta terra abençoada da desolação.

Os sinos do fim do mundo começaram a tocar no ar desolado.

Deso despede-se, estendendo educadamente a sua triste mão.

- Adeus, Sr. Marc. Desejo-lhe muita tristeza e que a desolação esteja consigo, que o acompanhe em todo o lado e sempre.

E ele corre para o outro extremo do Reino, onde os sinos continuam a tocar no ar.

- Ei, Sr. Escritor" grita Marc em direcção às nuvens de papel. Conseguem ouvir-me? Eu caí no oceano da desolação. E eu quero chorar.

Felizmente (que bela palavra!), tenho a minha florzinha e o seu cheiro... olá, olá! ha, ha!...

O pobre Mark começa a rir até chorar, e a música do seu riso alegre consegue cobrir os tons amargos dos sinos desolados. Um pássaro branco sai da sua pequena flor que ri e, levando-o nas suas asas, transporta-o para longe deste reino cinzento.

- Olá, olá, olá!" Marc continua a sério, enquanto, na bola solitária que está acima dele, neva sem fim...

O Reino do Equilíbrio

Deitado na relva alta entre as margaridas selvagens, Mark sentiu a carícia de um véu no seu rosto. Abriu os olhos e tomou o véu nas suas mãos. Um pequeno véu vermelho que se desenrolou perfeitamente com as pequenas gotas azuis do céu que deslizavam através das margaridas brancas. Voltou a fechar os olhos, um pouco desconcertado, e retomou o seu devaneio. Uma nova carícia, um novo véuzinho, desta vez amarelo. Marc levantou-se, reabriu os seus grandes olhos. Uma corda grossa, cujas extremidades não eram visíveis, esticada sobre o prado florido. Estava a dançar no ar, sob os pés de um acrobata. Sim, um acrobata que parecia muito ágil e simpático. Parecia ter nascido ali, sobre a corda. Os seus movimentos eram tão precisos que ele conseguiu manter o seu equilíbrio sem qualquer problema. Até fez pequenas piruetas, levantando um pé no ar, depois o outro, com a flexibilidade de um dançarino de ballet. Viu Mark e, sentado na corda como se estivesse num baloiço, cumprimentou-o em voz baixa:

- Ei, olá, homenzinho!

- Bom dia, senhor", disse Mark, um pouco aborrecido com a saudação grosseira.

- Vá, suba à corda. Salta um pouco e dá-me o teu pequeno braço.

- Ha, ha, ha!" disse Mark, ainda mais aborrecido.

- Penso que um pouco de equilíbrio lhe faria bem.

- Um pouco de equilíbrio?

- Mas sim. Já que está a passar pela - A Terra do Equilíbrio, diz? E você é o proprietário?

- Oh, não, eu sou uma espécie de sub-chefe. O líder supremo é a nossa Alteza Equilibra.

- Uma mulher?

- Mas sim, uma mulher real, bem equilibrada, em que a doçura e a dureza andam de mãos dadas. Ela é boa para os bons e má para os maus. Ela sabe sempre como manter o equilíbrio, mesmo nas situações mais difíceis.

- E quanto a si? Nunca está aborrecido, sempre assim, em perfeito equilíbrio?

- Ah, não", disse o acrobata. É para isso que aqui estou, afinal de contas.

Oh, o pobrezinho!" suspirou Mark, enquanto se afastava. Este nunca conhecerá a doçura dos dias imperfeitos, mas calmantes. Seria muito inconveniente e aborrecido viver num mundo todo perfeito e equilibrado, suspenso acima da felicidade simples e transitória, como aquelas margaridas selvagens que eu admirava há pouco.

O Reino dos Emoticons

O Reino que Marcos descobriu tinha a forma de uma esfera gigante transparente, através da qual ele viu uma rede caótica de fios de todas as cores e tamanhos, entre os quais pequenas esferas de todas as cores e tamanhos flutuavam. Música estranha, sideral, conseguiu passar por todos os obstáculos e espalhou-se para fora da esfera gigante. Nas pequenas esferas, Marc viu seres estranhos, também de forma esférica: uma grande cabeça redonda, grandes olhos e uma grande boca. Duas mãos e dois pés minúsculos presos à cabeça completaram o estranho quadro. Numa das esferas, um jovem acenava com as suas pequenas mãos no ar. Marc percebeu que estava a acenar para ele.

- ele ouviu, de repente. Ele olhou à sua volta. Não estava lá ninguém. Mas numa das pequenas esferas o jovem ainda movia os seus pequenos braços.

- Pronto, pronto, caro senhor! Consegues ouvir-me? Senhor, senhor, senhor!

Mark aproximou o seu rosto da grande esfera e sorriu.

- Aqui estamos nós!" disse o pequeno jovem, sorrindo. Olá ! O senhor é...

- Marc Lemonde.

- Que nome bonito! Lemonde. Gosto dele.

O meu nome é Émo Canu

- Lamento, mas não sei que país é, se é um país.

- É mais do que apenas um país. Isso seria banal, muito banal. É... o Reino dos emoticons.
 - O quê?" gaguejou Marc, estupefacto.
 - Emoticons, isto é, nós, eu e os meus compatriotas.
 - E... vocês são todos assim...? Quer dizer... eles parecem-se convosco...?
- Êmo começou a rir.
- Ha, ha, ha! Que pergunta estranha! Claro que é. Estamos todos construídos sobre o mesmo molde. O nosso Reino, que é muito próspero, faz parte do Planeta dos Internautas, localizado na Galáxia Ordo. Sou bastante conhecido no mundo dos negócios virtuais, graças à minha mente afiada, mas também ao meu encanto. Mark olhou para ele, estupefacto. Este homem pequeno, esférico, era realmente muito modesto.
 - Já repararam nos meus olhos ferozes, nos meus modos benevolentes e fingidos e no meu sorriso encantador.
 - E você vive sozinho?" cortou-lhe o caminho.
 - Mas claro que sim. Já não tenho pais, mas tenho muitos amigos, entre os quais o melhor é o nosso presidente Êmocone. Ele é um personagem simpático na nossa paisagem, um colosso da política virtual, que gosta de estar rodeado de gente liberal, profissional, um pouco louco, no bom sentido da palavra, um pouco rebelde, mas sério e leal, como eu.
 - Oh, o cúmulo da modéstia!

- Desculpe-me?" disse Êmo Canu.
 - Eu... penso que deve estar muito feliz por ter tais amigos.
 - Sim, claro, especialmente porque ele está sempre feliz por me ter no seu Palácio da Lua, a residência presidencial. Porque, mesmo tendo uma fortuna colossal, não gosto de ficar em casa sozinho. Ele convida-me muito frequentemente para o Palácio, onde passo muito tempo, por vezes fico meses. Em troca, dou-lhe todo o tipo de presentes muito caros. E o nosso presidente gosta de presentes. Quando os recebe, regozija-se como uma criança. É um homem brincalhão, gosta de tudo o que tem a ver com o espírito. E ele ama-me muito e apoia-me em tudo o que faço.
- Aqui, vou dar-vos um exemplo. Era uma tarde de quarta-feira, 10 de Setembro de 2335.

Cheguei ao Palácio um pouco mais tarde do que o esperado, por causa de um mal-estar. O presidente encontrou-me mais estranho do que o habitual. Os meus olhos estavam vermelhos, eu parecia muito ausente e um pouco nervoso.

- O que é que se passa, meu caro amigo?
- Por vezes...

Antes de poder terminar a minha frase, fui abalado por uma espécie de corrente. Os braços invisíveis pareciam agarrar-me, levantando-me subitamente para o ar, e depois deixando-me cair de volta ao chão, onde o meu corpo tremia,

curvava, e lutava, fazendo sons estranhos como um autómato envelhecido e enferrujado.

- Oh, meu Deus!" exclamou o presidente. Oh, meu Deus!" continuou ele.

Chamou os seus guardas e ordenou-lhes que fossem buscar a Dra. Carles.

Chegou, maravilhado, examinou-me, apalpou-me, observou-me e, num tom sério e apocalíptico, disse estas poucas palavras:

- Oh, meu Deus!

- É grave, doutor?" disse o presidente, implorando também a esta divindade idosa que tinha perdido o seu caminho através dos séculos.

- É grave?" suspirou o médico. Nunca vi nada parecido. Este pode ser o vírus mais rebelde de toda a Galáxia Ordo. Quem sabe? Tem sido falado nos últimos séculos, mas pensado como sendo um mero mito, um pobre avatar do que foi chamado há mais de mil anos atrás, a temida gripe espanhola. Oh, meu Deus", disse ele novamente. As nuvens negras já anunciam, talvez, um possível fim terrível.

- E o que acha que deve ser feito?

- Tem de ir buscar o famoso Hacker Antivírus

- Este estranho hacker que pensa que é um super-herói? Mas está para além de tudo o que eu imaginei", disse o presidente, bastante deslumbrado.

- Deixe-me dizer-lhe que desta vez está enganado, caro Sr. Presidente. Ele pode não ser a pessoa mais honesta deste pobre planeta, mas é o único que nos pode salvar. E ele bateu palmas.

- Bom dia, Sr. Presidente", foi o som na grande sala presidencial. E o Antivírus Hacker apareceu em todo o seu esplendor, literalmente. Pois ele estava vestido da cabeça aos pés em ouro da mais alta qualidade.

- disse o presidente, em vez de lhe responder.

E o Antivírus Hacker, não mais esperando por um convite, começou a examinar-me. Fez uma pausa, abanou a cabeça e retomou o seu exame. Após uma hora, após várias vezes durante as quais o presidente e a Dra. Carles tinham, por sua vez, suspirado, esfregando as mãos e cruzando-se para a frente e para trás, o Antivírus Hacker levantou a cabeça, tirou os óculos 3D e suspirou, por sua vez, declarando:

- Não se trata de um vírus mortal! É um vírus pobre da família ADWARE. E o remédio é muito simples: O cavaleiro aqui, Emo Canu, deve desistir da telescopagem durante um longo período de tempo e...

- O presidente e o médico perguntaram em uníssono. Eu fiquei sem palavras, sem dizer nada.

- Para ser telefonado ! O que quer dizer? Não conhece o termo?" disse Antivírus, surpreendido. É um termo antigo, é verdade. Já se fala em substituí-lo. Os Academôticones propuseram, por exemplo, 'infodrogate', mas penso que o telesnover vai resistir, de qualquer forma. É mais agradável. O senhor é, por assim dizer, caro Sr. Canu", diz-me ele, "um telesnover.

E como ele disse isto, pegou no meu telefone super inteligente e enfiou-o no seu bolso.

- Este vai ficar preso durante muito tempo", disse ele, num tom autoritário.

- Não!" suspirei, realmente marcado por esta medida radical.

- Sim, sim", disse o médico. E vai tomar um remédio bastante bárbaro, é verdade, uma pequena infusão de ar fresco, vegetação, canto dos pássaros, em suma, vida ao ar livre. Temos programas de natureza virtual muito bem concebidos.

- Oh, meu Deus!" suspirou o presidente e a Dra. Carles em uníssono. Mas isso é pré-história, meu caro Hacker", acrescentou este último.

- Oh, meu Deus!" suspirei, por sua vez.

- Eu sei, eu sei", suspirou o Antivírus em solidariedade. Mas temos de tomar medidas radicais. Porque, para esta doença, não existe, até agora, nenhum outro medicamento. E então, quem sabe", continuou, "um belo dia, talvez, voltaremos à pré-história". Quem sabe o que vai acontecer no futuro?

E todos nós, ao mesmo tempo, elevamos os nossos olhos redondos para o Grande Alto Virtual, admirando, para além do céu artificial, o jogo dos planetas e sorrindo o nosso amigável sorriso emoticon. Ali, disse Êmo Canu.

- Que história engraçada", disse Marc, entretido.

- Não é?" disse Êmo Canu, com toda a seriedade. E abriu, com a ajuda de um minúsculo controlo remoto super-inteligente, várias janelas virtuais que invadiram a sua pequena esfera, enchendo-a de paisagens bucólicas e canções

de aves.

Mark despediu-se dele, para admirar as outras pequenas esferas que pontilharam o Reino Emoticon.

- Que Reino estranho", suspirou ele.

O Reino das Marionetas

Marc ouviu a canção assim que entrou nos portões deste estranho reino. Em frente à entrada havia, um à esquerda, outro à direita, duas marionetas gigantes cujas cordas se perderam nas nuvens. Alguém os operava com grande habilidade, pois os dois gigantes dançavam, balançavam, acenavam e saltavam.

*Venham, crianças, jovens e velhos,
No baile de marionetas, Dança em círculos,
Saltar, cantar,
Com as vossas caras coquettistas.*

A canção fluiu suavemente do céu, adornada com pequenas nuvens em forma de flores, flutuando no ar e espalhando-se entre os milhares de... bonecos que Marc olhou com a sua boca de ágape. Havia todo o tipo de fantoches: fantoches de cordas, fantoches de vara, fantoches de luvas, fantoches de água, marotas, fantoches, vestidos com roupas fabulosas, de cores brilhantes.

- Ah, caro Senhor! Entrem, entrem", ouviu ele no ar. Era uma voz pequena, aguda como a sua.

Os bonecos estavam a fazer o seu trabalho, desconhecendo a sua presença. Havia marionetas a saltar à corda, a brincar aos hopscotch, a andar em círculos, a imitar autómatos, a brincar às escondidas atrás de grandes painéis com desenhos exóticos. Havia aqueles que se sentavam em enormes luas crescentes, que rolavam grandes círculos coloridos de néon, que se vestiam de soldados, que tocavam trompete e tambor e marchavam em ritmo, que...

- Senhor! Senhor!" Mark ouviu novamente. Ele olhou à sua volta. Os bonecos ainda estavam a fazer o seu trabalho. Algo pousou no cabelo de Mark. Ele abanou a cabeça. Era uma pequena pluma azul. Mais pequenas plumas azuis começaram a valsar pelo ar. Mark olhou para cima. Num dos ramos de uma árvore que flutuava no ar, uma pequena marioneta vestida de branco sorria para ele. Parecia a Mark que se parecia com ele de alguma forma.

- Senhor! Senhor!" gritou o pequeno fantoche pela terceira vez.

- Olá!" disse Mark, muito comovido. O meu nome é

Marc.

- E o meu nome é Marcine", sorriu o fantoche, coquetilmente.

*Venha, venha, Senhor, Dance connosco, Vire-se, vire-se em círculos, Balance!
Ande, ande em cadência, Entre na dança!*

E de repente, ao som da música, Marc foi atraído para um farandole louco e louco. Duas meninas-fantoches acompanhavam-no, sorrindo, uma loira à esquerda, a outra morena à direita. E acima de toda esta loucura dançante,

Marcine estava a passar um momento terrível, batendo as suas pequenas mãos na sua árvore voadora.

Marc, que no início tinha lutado, tentando com todas as suas forças escapar desta actividade que as marionetas pareciam achar muito divertida, começou a gritar com prazer e a rir com todos os seus dentes de papel. Quando, finalmente, as marionetas abrandaram os seus movimentos e a dança terminou, Marc exclamou espantado:

- Oh, meu Deus, que prazer senti!

- É um sentimento de libertação que experimentaste, meu caro Marc," disse-lhe Marcine alegremente. Porque nós, fantoches, sabemos o que significa a liberdade, o quanto ela é preciosa. Ser livre, poder mover-se como se quer, sem ser manipulado por ninguém, pensar livremente, expressar as suas ideias, satisfazer os seus desejos, tudo isto é magia. A magia também pode ser encontrada em tudo isto.

A marca suspirou. Queria muitas vezes fazer as coisas à sua maneira, mas teve de enfrentar o facto de que era apenas um pequeno homem de papel.

O Reino da Tolerância

Chegando a uma terra neutra, a norte do Reino da Desolação, Mark pára por um momento para recuperar o fôlego. A *terra de ninguém* a seus pés é um prado coberto de erva alta. Marc deita-se por alguns momentos. A relva cheira bem, e o céu, mesmo que seja feito de papel, é uma maravilha azul.

Mas era tempo de partir. Então Mark pega no seu pau enfeitiçador, bate três vezes na relva alta e imediatamente se vê diante de uma grande porta em cujo pedimento lê, todos espantados:

O projecto do Reino da Tolerância Intergaláctica

Duração do trabalho: Indefinido

Beneficiários: Tudo o que respira no Universo

Mark empurra a porta e, atravessando a soleira, exclama:

- Oh, Deus da tolerância!

Máquinas de todos os tipos estão a mover-se em todas as direcções. Ruídos, ruídos em todo o lado. DEAFENING. E muito movimento. Um ir e vir de pessoas e sucata. Um enorme estaleiro de construção. Aqui e ali, sinais indicando a localização de uma instituição (a "Escola Arco-íris" é exibida numa grande placa epónima e Marc pensa que pode ser uma escola para pessoas de todas as raças).

- Desculpe-me, senhor", diz Marc a um transeunte com um grande cartaz nos braços.

- O Sr. quer...", responde ele, livrando-se do cartaz que cai na relva cheia de lindas flores primaveris.

- Gostaria de saber o que acontece nestes

terra. Estou apenas de passagem e...

- Honrado pela sua visita, Senhor", responde o transeunte educadamente.

Desanges, ao seu serviço. Trabalho neste distrito que será chamado Misericordium.

- É... um estaleiro de construção?

- Mas sim, o Reino da Tolerância é um projecto que abrange toda a galáxia. Dura, durará...

- Mas eu vejo edifícios, jardins, edifícios altos, torres. Tudo parece pronto para receber pessoas.

- Sim, claro, a este nível, conseguimos resolver tudo. A Igreja Intergaláctica está também pronta a acolher os seus membros de todas as fés. Há, no entanto, um pequeno problema. Um problema muito pequeno que se está a revelar um verdadeiro quebra-cabeças chinês para o nosso Arquitecto Supremo.

- Qual deles?" pergunta Marc, sem convicção.

- Humanos", respondeu o trabalhador, desculpe. Esta raça intergaláctica, muito simpática a propósito, que vive sobre uma pequena jóia planetária, ainda não assinou o Tratado de Adesão ao Reino da Tolerância.

- E esta assinatura, é tão importante, ao seu nível? pergunta Marc, surpreendido. Basicamente, é um planeta muito pequeno...

- Mas, sim, é muito importante. Para

Para nós, para o nosso Arquitecto Supremo, o Um está no Todo e o Todo está no Um. Nada pode ser feito, a menos que os humanos aceitem os termos do Acordo.

- E quando espera que este Tratado seja assinado?

- Não quero ser pessimista, mas vivi na Terra durante pouco tempo e posso dizer-vos que os homens... bem, é difícil... Nunca se sabe com eles. Eles são simpáticos, em geral. Mas como eles são estranhos! E intolerantes. E maus, por vezes, muito maus. Eles pensam que são o centro do universo.

A marca suspirou. Ele amava os humanos, mas teve de enfrentar os factos. Por vezes, as boas pessoas da Terra podiam tornar-se verdadeiros monstros.

- *Homo homini lupus*, eu sussurrei-lhe do meu mundo terreno.
- Como assim", disse Marc, surpreendido com a minha intromissão.
- Isto significa que as pessoas são verdadeiros animais selvagens para a sua própria espécie. Má, desumana.
- Por vezes", disse Mark, conciliador.
- Muitas vezes," disse eu, irritado (aquele pequeno homem de papel era tão ingênuo!), "não sei porquê.
- Bem", disse Mark, "sou um pouco mais optimista do que tu. E penso que se algo acontecesse ao seu planeta, os humanos ficariam juntos.

E como disse isto, saltou para a minha mão esquerda (é a mão que a criou, pois sou canhoto).

- Já não me apetece viajar", suspirou ele. Estou cansado. Posso fazer uma sesta? Podemos retomar as viagens um pouco mais tarde. Quem sabe para que mundos espantosos me vai enviar, Sr. Escritor? Mundos de papel. Como eu", suspirou ele. E o meu homenzinho adormeceu nos meus braços.

Aproximava-se o amanhecer. Um sopro de rosa começava a crescer timidamente no horizonte. As raias negras da noite estavam a recuar. Já há algum tempo, as estrelas também se tinham retirado, todas sonolentas. Um novo dia estava prestes a nascer, inscrito no livro do eterno, e a sua canção sobre o vale solitário conseguiu acordar o meu pequeno homem de papel. E, olhando para a espectacular aurora do céu de papel, sussurrou-me ao ouvido:

- Porque é que as separações são tão tristes?
- Para que as memórias sejam mais doces, os encontros mais alegres, a vida mais complicada e mais bela, respondi, fechando o meu pequeno livro.

Índice

POR MEIO DE UM PREFÁCIO.....	3
O REINO DO JOGADOR DE XADREZ	6
O REINO DO VAGABUNDO	10
O REINO DAS BORBOLETAS	14
O REINO DAS ÁRVORES	19
O REINO DAS LENDAS	22
<i>A lenda das estações do ano</i>	<i>23</i>
<i>A lenda do girassol</i>	<i>28</i>
<i>A Lenda dos Sonhos</i>	<i>32</i>
O REINO DOS OLHOS	36
O REINO DAS GARGALHADAS	39
O REINO DOS ESPELHOS	42
O REINO DA DESOLAÇÃO	44
O REINO DO EQUILÍBRIO	49
O REINO DOS EMOTICONS	52
O REINO FANTOCHE	62
O REINO DA TOLERÂNCIA	67
ÍNDICE	75

Lucia Eniu é uma poetisa e escritora francófona que vive e trabalha na Roménia. É professora franco-italiana e tem um doutoramento em literatura, com uma tese sobre a obra de Michel Tournier, cujos excertos foram publicados em revistas no estrangeiro.

Escreve em romeno e francês; várias das suas obras em prosa e alguns poemas foram publicados na revista online Francopolis (2020-2022). Com o conto *Le goût du jeu* ela ganhou, em 2016, o 1º prémio no concurso de contos "Plumes des Monts d'Or", secção de francês como língua estrangeira.